

Comportamento/**Drogas**



CRACOLÂNDIA, O INFERNO É

DEGRADAÇÃO Moradores de rua, usuários de drogas e traficantes dividem espaço na região central de São Paulo: situação sobrevive como uma doença incurável

Fabiola Perez

Os arredores da estação Júlio Prestes, no bairro da Luz, zona central de São Paulo, são tomados por catadores de lixo, moradores de rua e usuários de drogas. Esquálidos, desnutridos e trajando farrapos, eles vagam desorientados, em uma dura demonstração do quanto a vida humana pode se degradar. Uma combinação de pobreza, luta pela sobrevivência e entorpecimento pelo crack ditam as regras em uma área conhecida como "fluxo", terra de ninguém evitada até por agentes de segurança, sejam guardas metropolitanos ou policiais militares. Na quarta-feira 10, após um suspeito ser detido ali por furto de celular, uma verdadeira cena de guerra se instaurou. Às 11h45, uma barricada feita de colchões, pneus, madeira e suca-

AQUI

Confrontos saem do controle na degradada região central de São Paulo, onde um corpo foi encontrado dias após ter sido torturado e assassinado por traficantes. Torna-se inadiável uma ação do poder público que resgate a saúde e a dignidade dos usuários

ta prenunciava o confronto que se estenderia por toda a tarde. Do outro lado, policiais com bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo se voltaram contra os moradores. O clima de tensão provocou disparos de armas de fogo, objetos incendiados e saques a lojas. Dias antes, o corpo de um homem fora encontrado na mesma região. Ele havia sido torturado e morto por traficantes após tentar resgatar uma usuária de drogas a pedido de uma mãe desesperada.

Após diversas estratégias de recuperação ao longo das últimas décadas, a Cracolândia sobrevive como uma doença incurável. Por ali circulam a cada dia dois mil usuários de drogas em diferentes estágios de dependência, 700 deles no fluxo. Paredes exibem o número 1533, que indica a presença da facção criminosa Primeiro Comando

Comportamento/Drogas

da Capital, o PCC. Nos últimos meses, barracas que vendem drogas se proliferaram nas ruas do fluxo. “A situação está esquentando porque há uma espécie de indefinição nos programas municipais e estaduais que atendem a região”, diz Maurício Fiore, antropólogo e coordenador da Plataforma Brasileira de Política de Drogas. “As interferências policiais deixaram os ânimos acirrados e com isso houve uma reconfiguração na venda de drogas, que ocorre de forma mais exposta”, afirma. Para o especialista, a principal falha nas políticas implantadas até hoje na Cracolândia é o desejo de sanar todos os problemas de forma imediatista. “Ações de inteligência para diminuir a chegada do crack levariam, no mínimo, entre um e dois anos para gerar os primeiros resultados”, estima. Se há um consenso em aplicar penas aos traficantes e políticas de saúde aos usuários, a lei de drogas impõe critérios subjetivos para distinguir o porte para uso e para o tráfico.

“USUÁRIOS SEMPRE REAGEM”

Bruno de Oliveira Tavares tinha 34 anos e trabalhava na empresa Restart, especializada em remoções clínicas e psiquiátricas. Acionado pela mãe de uma usuária de crack, de 27 anos, ele foi até o fluxo em busca da garota. Ficou desaparecido por dias. Na segunda-feira 8, seu corpo foi encontrado. Segundo o proprietário da empresa, Tavares havia sido levado por traficantes. Investigadores da polícia afirmam que, antes de morrer, ele foi submetido a um interrogatório em cárcere privado e torturado. Segundo o delegado Osvany Zanetta Barbosa, titular do 3º DP, que apura o caso, a Tropa de Choque não recebeu autorização para agir. “Haveria consequências porque os usuários sempre reagem à entrada de policiais.”



ABANDONO

Mulher grávida e usuária de crack: assistência à saúde e recuperação de moradores é primordial



CONTROLE Central da Guarda Civil: nos conflitos, usuário destruiu uma das câmeras de vigilância

CONFLITOS RECORRENTES

23 DE FEVEREIRO

ÀS 12h, uma briga na área do fluxo fez com que usuários de drogas atirassem fogo em sofás, madeiras e em policiais. A PM reagiu com bombas de efeito moral.

23 DE MARÇO

ÀS 11h30, dois suspeitos de roubar um celular foram detidos pela PM na rua Dino Bueno, o que deu início a mais um confronto entre usuários e guardas

3 DE MAIO

Um funcionário de uma empresa de remoções clínicas vai à Cracolândia para resgatar uma garota, a pedido da mãe. No dia 8, o corpo do homem é encontrado no bairro do Bom Retiro

10 DE MAIO

A partir de um roubo de celular, guardas civis metropolitanos e moradores da região chamada de “fluxo” entram em conflito. Houve troca de tiros e quatro pessoas foram detidas

O assassinato expõe duas negligências das autoridades: com a assistência à saúde e com a segurança. Ex-usuário de crack, Tavares era um dos muitos nessa condição que prestam serviço a empresas que, sem regulamentação, se disseminam no local com o objetivo de internar dependentes que se recusam a receber tratamento.

Internações, segundo o medido psiquiatra da **Unicamp**, Luís Fernando Tófoli, só podem ocorrer depois de uma avaliação médica, mesmo nos casos de ordem judicial. O tratamento ao usuário, explica Tófoli, deveria reunir cuidados ambulatoriais, cuidados gerais para a população de rua, unidades de acolhimento transitório e nos casos em que a pessoa estiver com um estado mental prejudicado, colocando em risco sua vida ou de outras pessoas, ela pode vir a ser internada. “É necessário também uma estratégia para redução de danos, para proporcionar equilíbrio a alguns usuários sem exigir a abstinência total”, afirma o médico. “Políticas massificadas não funcionam para todos os usuários.” Em relação à segurança, a Polícia Civil deve mapear locais onde há venda de drogas para flagrar traficantes fora da Cracolândia.



O INFERNO EM NÚMEROS

700

USUÁRIOS DE CRACK
CIRCULAM NA ÁREA

68%

DOS DEPENDENTES
VIVEM NAS RUAS

40%

NÃO SÃO ASSISTIDOS
POR MÉDICOS

31%

JÁ TIVERAM AO MENOS
UMA OVERDOSE

Fonte: Censo do Centro de Referência de Alcool, Tabaco e Outras Drogas (Cratod), da Secretaria de Estado da Saúde, divulgado em janeiro

Reverter o cenário desolador que se instalou desde a década de 1990 na região da Luz depende também de programas de assistência social. "Insistir em um tratamento repressivo, remoções rápidas sem oferecer soluções a longo prazo só fará a tensão se agravar", afirma André Zanetic, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. O programa "De Braços Abertos", criado no início de 2014, oferecia atividades profissionais, bolsa auxílio e habitação para usuários de drogas como política de redução de danos. Mais de 70% dos beneficiários declararam ter diminuído significativamente o uso de crack.

Com a gestão do prefeito João Dória (PSDB), um novo programa, batizado "Redenção", está em fase de planejamento e deverá ser lançado em agosto. A ideia, segundo a prefeitura, é manter características do anterior com algumas alterações. Na quinta-feira 11, Dória afirmou que a Cracolândia deve acabar "muito antes" de seu mandato chegar ao fim, em dezembro de 2020. Entretanto, especialistas dizem que o caos urbano não será resolvido no curto prazo. "A Cracolândia é um efeito colateral da sociedade em que vivemos, que marginaliza e tem questões sociais a serem resolvidas", diz Tófoli. Resolvê-las pode levar tempo, mas resgatar a dignidade humana é inadiável. ■